

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DO ENSINO SECUNDÁRIO

PROGRAMA DE HISTÓRIA B

10º Ano

**CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO DE
CIÊNCIAS SOCIOECONÓMICAS**

AUTORES

Clarisse Mendes (coordenadora)

Benedicta Duque Vieira

Cristina Silveira

Margarida Brum

Homologação

05/03/2001

Índice

1. Introdução	pág. 3
2. Apresentação do Programa	6
2.1. Finalidades.....	6
2.2. Objectivos.....	6
2.3. Competências.....	7
2.4. Visão geral dos conteúdos/temas.....	9
2.5. Sugestões metodológicas gerais.....	11
2.6. Recursos.....	13
2.7. Avaliação.....	14
3. Desenvolvimento do programa	16
3.1. Estrutura dos módulos.....	16
3.2. Conceitos operatórios e conceitos metodológicos.....	18
3.3. Conteúdos / Conceitos / Aprendizagens específicas dos módulos	19
Módulo Inicial - Estudar/Aprender História.....	19
Módulo 1 - Dinamismos Económicos da Europa nos Séculos XVI a XVIII.....	21
Módulo 2 - Do Antigo Regime à Afirmação do Liberalismo.....	24
Módulo 3 - A Civilização Industrial – Economia e Sociedade; Nacionalismos e Choques Imperialistas.....	27
4. Bibliografia	30

1. Introdução

As transformações das sociedades contemporâneas, pela rapidez com que se processam e pela cada vez maior imprevisibilidade dos seus desfechos, evidenciaram a importância de uma escolaridade mais dilatada em tempo mas, sobretudo, menos divorciada das realidades quotidianas e das interrogações que estas colocam. Neste contexto complexo – em que se exige «mais escola» mas, simultaneamente, se pretende uma escola diferente – urge assegurar aos jovens formações sólidas, orientadas para o desenvolvimento de competências mobilizadoras da totalidade do indivíduo e que, pelo elevado grau de transferência que apresentem, suscitem desempenhos adequáveis a novas situações.

A reestruturação dos cursos e planos de estudo do ensino secundário e a consequente reformulação dos programas de ensino ocorrem assim como resposta à necessidade enunciada, obrigando a repensar o lugar das disciplinas nos planos de estudo e um modelo de escola capaz de se assumir, também ela, como criadora de currículo.

No novo plano curricular, a História surge, tal como na Reforma de 1989, integrada quer em Cursos Tecnológicos quer em Cursos Gerais e nestes, tal como no anterior plano de estudos, faz parte do conjunto de disciplinas da Formação Específica. Porém, a intenção de proporcionar aos alunos uma formação mais ajustada às suas reais necessidades, levou a que se optasse, agora, por diversificar os programas de ensino, atribuindo-lhes, em conformidade, diferentes cargas horárias na globalidade do ciclo de estudos.

Assim, nos Cursos Gerais, prioritariamente destinados ao ingresso no ensino superior e em que a Formação Específica se destina a preencher uma vertente «científica e técnica no domínio de conhecimento do respectivo curso», a disciplina apresenta um destaque diferente, de acordo com a orientação do plano curricular a que respeita. No Curso de Ciências Sociais e Humanas e no de Ciências Sócio-Económicas, a História integra o tronco comum da formação específica, sendo «disciplina estruturante» e, no primeiro daqueles cursos, abrange os três anos do ciclo de estudos, sendo-lhe atribuído o número máximo de horas previsto no currículo do ensino secundário. No Curso de Ciências Sócio-económicas - em que o presente programa se integra -, a disciplina conta apenas com dois anos, o que condicionou fortemente a selecção dos conteúdos. No Curso de Línguas e Literaturas, a História inclui-se no leque de opções da Formação Específica, razão por que ocorre apenas no último ano do ciclo.

Às diferentes situações enunciadas correspondem programas distintos. O sistema prevê, porém, ainda em obediência ao princípio de adequação às necessidades dos jovens, a possibilidade de o

aluno rever o seu percurso, permitindo-lhe a transição quer entre os Cursos Tecnológicos e os Cursos Gerais quer entre as diversas alternativas criadas no âmbito destes últimos. Esta condição torna, obviamente, indispensável a existência de linhas de articulação entre os diversos programas, as quais repousam, sobretudo, num mesmo entendimento de dois aspectos que se encontram intimamente relacionados - o da construção do conhecimento histórico e o das virtualidades formativas da disciplina.

Tal como acontece em outros domínios científicos, também a História tem vindo a mudar: formulam-se novas hipóteses, identificam-se novos objectos, diversificam-se metodologias, estabelecem-se relações mais amplas com outros saberes, constroem-se novas interpretações. Este alargamento do campo historiográfico tem vindo, porém, a evidenciar a inevitável revisibilidade do conhecimento ou mesmo a dificuldade em elaborar sínteses de grande dimensão, outrora julgadas possíveis, aspecto que parece tornar complexa a selecção dos domínios que devem ser estabelecidos como objecto de estudo, no ensino secundário. Ora, os jovens, na fase de desenvolvimento em que se encontram durante a frequência deste nível de ensino, necessitam de referentes seguros que lhes permitam interpretar as realidades sociais que com eles interagem; que proporcionem fios de inteligibilidade entre as grandes questões nacionais e os problemas decorrentes de uma globalização cada vez mais envolvente; que se constituam como apoio para as escolhas que inevitavelmente terão de realizar. Nesta perspectiva, a História, cujo objectivo último é, afinal, a compreensão da vida do homem em sociedade, configura-se como uma disciplina de eleição; além disso, a natureza terminal do ciclo de estudos que o ensino secundário constitui torna inevitável operar uma selecção no conjunto de opções que o campo historiográfico patenteia.

O eixo organizador dessa selecção encontra-se neste caso na concepção de História que se perfilha. Entende-se o conhecimento histórico como decorrente de uma construção rigorosa, porque resultante da confrontação de hipóteses com os dados obtidos na pesquisa e na crítica exaustiva de fontes diversificadas, circunscritas num tempo e num espaço identificados. Esse conhecimento decorre, portanto, decorre da compatibilização de um registo descritivo com uma dimensão problematizante e explicativa, já que é, inquestionavelmente, interpretação de mudanças. Perfilha-se, assim, uma concepção de História abrangente das diversas manifestações da vida das sociedades humanas, sensível à interacção entre o individual e o colectivo e à multiplicidade de factores que, em diversos tempos e espaços, se tornaram condicionantes daquilo que hoje somos.

Considera-se, aliás, que a dificuldade na elaboração de sínteses, acima referida, não pode empurrar-nos nem para uma diluição dos objectos de estudo nem para a sua limitação ao factológico, numa perspectiva redutora.

Importa, portanto, circunscrever áreas do conhecimento historiográfico que patenteiem aspectos significativos da evolução da humanidade e que integrem linhas de reflexão problematizadoras das relações entre o passado e o presente. Importa, além disso, mobilizar a diversidade de campos de observação, para tornar consciente a relatividade das escolhas efectuadas pela humanidade, fortemente inseridas num tempo e num espaço determinados.

As opções tomadas têm expressão na eleição de finalidades e de objectivos que dimensionam a vertente formativa da disciplina e se operacionalizam num campo alargado de competências. Porém, porque a vertente pedagógica que se adopta decorre de uma opção construtivista, só o envolvimento dos alunos em experiências de aprendizagem significativas proporcionará a constituição de um quadro de referências indiscutivelmente útil, se objecto de apropriação consciente pelos jovens. É assim que, nas metodologias que se considera indispensável promover, a análise das fontes tem um papel insubstituível. Com efeito, ela contribuirá para o desenvolvimento nos jovens de uma perspectiva crítica; e promoverá também o reforço de uma dimensão ética, já que as inferências inevitáveis de efectuar repousarão em argumentos de carácter documental.

Abre-se então desse modo o campo para aquisições científicas sólidas e, simultaneamente, ao nível do agir, para a integração de hábitos de ponderação de opções, promotores da intervenção consciente e democrática dos jovens na vida colectiva.

A elaboração dos diferentes programas de História dos Cursos Gerais partiu, como se expôs, de uma mesma concepção de conhecimento histórico e do papel da disciplina na formação do aluno. Assim, e tendo em conta que os perfis de saída dos diversos cursos orientarão os alunos para diferentes formações no ensino superior, foi na selecção dos conteúdos que se estabeleceu as necessárias diferenças entre os programas. Reafirma-se porém que os conteúdos, por si só, não permitirão promover o desenvolvimento das competências consideradas essenciais; necessitam de ser integrados num todo coerente, mobilizados através de recursos e de metodologias que se adequem às Finalidades e Objectivos estabelecidos como horizonte desejável.

2. Apresentação do Programa

2.1. Finalidades

- Promover o desenvolvimento de competências que permitam a problematização de relações entre o passado e o presente e a interpretação crítica e fundamentada do mundo actual.
- Desenvolver a capacidade de reflexão, a sensibilidade e o juízo crítico, estimulando a produção e a fruição de bens culturais.
- Favorecer a autonomia pessoal e a clarificação de um sistema de valores, numa perspectiva humanista.
- Desenvolver a consciência da cidadania e da necessidade de intervenção crítica em diversos contextos e espaços.

2.2. Objectivos

- Desenvolver atitudes de curiosidade intelectual, de pesquisa e de problematização, face ao saber adquirido e a novas situações.
 - Desenvolver a capacidade de autocrítica, de abertura à mudança, de compreensão pela pluralidade de opiniões e pela diversidade de modelos civilizacionais.
 - Aprofundar a sensibilidade estética e a dimensão ética, clarificando opções pessoais.
 - Desenvolver hábitos de participação em actividades de grupo, assumindo iniciativas e estimulando a intervenção de outros.
 - Desenvolver a consciência dos problemas e valores nacionais, dos direitos e deveres democráticos e do respeito pelas minorias.
- Interpretar o conteúdo de fontes, utilizando técnicas e saberes adequados à respectiva tipologia.
 - Aplicar instrumentos de análise das ciências sociais na construção do conhecimento histórico.
 - Formular hipóteses explicativas de factos históricos.
 - Utilizar correctamente o vocabulário específico da disciplina.
 - Desenvolver hábitos de organização do trabalho intelectual, utilizando diversos recursos e metodologias.
 - Sistematizar conhecimentos e apresentá-los, utilizando diversas técnicas.
- Identificar o conhecimento histórico como um estudo, cientificamente conduzido, do devir das sociedades no tempo e no espaço.
 - Identificar os factores que condicionam a relatividade do conhecimento histórico.
 - Interpretar o diálogo passado-presente como um processo indispensável à compreensão das diferentes épocas, civilizações e comunidades.
 - Reconhecer a complementaridade das perspectivas diacrónica e sincrónica, na análise histórica.
 - Reconhecer as interações entre os diversos campos da história – económico, social, político, institucional, cultural e de mentalidades – entre os diversos níveis de integração espacial, do local ao mundial e do central ao periférico, bem como entre os indivíduos e os grupos.
 - Compreender a dinâmica histórica como um processo de continuidades, mudanças e ritmos de desenvolvimento condicionados por uma multiplicidade de factores.

2.3. Competências

As Finalidades e Objectivos enunciados constituem linhas de orientação do processo de ensino e de aprendizagem, esperando-se que, no final do ciclo de estudos, os alunos evidenciem as seguintes competências:

- **pesquisar, de forma autónoma mas planificada**, em meios diversificados, informação relevante para assuntos em estudo, organizando-a segundo critérios de pertinência;
- **analisar fontes de natureza diversa**, distinguindo informação, implícita e explícita, assim como os respectivos limites para o conhecimento do passado;
- **analisar textos historiográficos**, identificando a opinião do autor e tomando-a como uma interpretação susceptível de revisão, em função dos avanços historiográficos;

- **situar cronológica e espacialmente** acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram;
- **identificar a multiplicidade de factores e a relevância da acção de indivíduos ou grupos**, relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço;
- **situar e caracterizar aspectos relevantes da história de Portugal, europeia e mundial**;
- **relacionar a história de Portugal com a história europeia e mundial**, distinguindo articulações dinâmicas e analogias / especificidades, quer de natureza temática quer de âmbito cronológico, regional ou local;
- **mobilizar conhecimentos** de realidades históricas estudadas **para fundamentar opiniões**, relativas a problemas nacionais e do mundo contemporâneo, **e para intervir de modo responsável no seu meio envolvente**;

- **elaborar e comunicar**, com correcção linguística e de forma criativa, sínteses de assuntos estudados:
 - o estabelecendo os seus traços definidores;
 - o distinguindo situações de ruptura e de continuidade;
 - o utilizando, de forma adequada, terminologia específica.
- **utilizar as tecnologias de informação e comunicação, manifestando sentido crítico** na selecção adequada de contributos;

- **assumir responsabilidades em actividades individuais e de grupo;**
- **participar em dinâmicas de equipa,** contribuindo para o estabelecimento de relações harmoniosas e profícuas;
- **manifestar abertura à dimensão intercultural** das sociedades contemporâneas;
- **disponibilizar-se para ampliação e aprofundamento da sua formação.**

2.4. Visão geral dos conteúdos / temas

O Programa do Curso de Ciências Sócio-Económicas, obedecendo ao princípio da revisibilidade do percurso escolar por parte do aluno, tem no seu horizonte o programa de Ciências Sociais e Humanas. Este, entendido como uma reformulação do homologado em 91, apresenta, quanto aos conteúdos, uma estrutura temática, sendo organizado numa perspectiva cronológica.

A opção por esta estrutura decorre de duas ordens de razões. Por um lado, a natureza do trabalho que se pretende realizar ao nível do ensino secundário – análise mais exigente de fontes, ampliação de algumas áreas de conteúdo consideradas fundamentais para a compreensão do mundo actual, problematização de relações passado-presente ou de linhas explicativas – trabalho que não é compatível com uma grande extensão de conteúdos. Por outro, uma vez que os alunos adquiriram já, no ensino básico, uma visão genérica da evolução das sociedades e a factologia essencial, especialmente no que respeita à história de Portugal, parece lógico considerar, num entendimento de sequencialidade entre o ensino básico e o ensino secundário, que para este nível pode ser reservado um estudo mais aprofundado de alguns aspectos.

Visando a exequibilidade do programa, seleccionaram-se apenas três temas/módulos para cada ano.

Por razões de pertença e de identidade cultural, deu-se relevo à história da Europa e, tendo em conta as formações do ensino superior a que o Curso de Ciências Sócio-Económicas prioritariamente se destina, apenas se recuou ao século XVI. Com efeito, e embora se tenha procurado focar a diversidade e as inter-relações entre os diversos planos - o político, o institucional, o económico, o social, o cultural e o das mentalidades – privilegiou-se a história económica e social, parecendo lógico, portanto, iniciar o estudo pela época em que a reflexão sobre a temática sócio-económica se autonomiza.

Pela função que o estudo da história do século XX pode ter na aquisição de instrumentos que reforcem uma cidadania interventiva, dedicou-se-lhe todo o 12º ano.

Pela importância que a construção da memória pode assumir, na problematização das relações entre o que somos e o que pretendemos construir, deu-se relevância à história de Portugal, entendida ora na sua singularidade ora como exemplo da evolução mais geral, estabelecendo-se a articulação com a história europeia e a mundial.

Não foram individualizados conteúdos de história local, mas foram apontadas articulações possíveis no âmbito das situações de aprendizagem sugeridas, cuja concretização é deixada ao critério dos professores e das escolas.

O Programa prevê ainda que o estudo dos temas/módulos estabelecidos para o 10º ano seja antecedido de um módulo inicial – situação comum às restantes disciplinas do plano curricular do 10º ano. Para este módulo não são destacados conteúdos específicos, já que a função do mesmo é fornecer ao professor e aos alunos indicadores das aquisições efectuadas no ensino básico, permitir detectar eventuais desajustamentos e propor caminhos alternativos.

Ano	Módulo
10º	Inicial – ESTUDAR / APRENDER HISTÓRIA

Ano	Módulo
10º	1. DINAMISMOS ECONÓMICOS DA EUROPA NOS SÉCULOS XVI A XVIII
	2. DO ANTIGO REGIME À AFIRMAÇÃO DO LIBERALISMO
	3. A CIVILIZAÇÃO INDUSTRIAL - ECONOMIA E SOCIEDADE; NACIONALISMOS E CHOQUES IMPERIALISTAS
11º	4. CRISES, EMBATES IDEOLÓGICOS E MUTAÇÕES CULTURAIS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX
	5. PORTUGAL E O MUNDO, DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL AO INÍCIO DA DÉCADA DE 80 – OPÇÕES INTERNAS E CONTEXTO INTERNACIONAL
	6. ALTERAÇÕES GEOESTRATÉGICAS, TENSÕES POLÍTICAS E TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NO MUNDO ACTUAL

2.5. Sugestões metodológicas gerais

Os princípios enunciados na Introdução e expressos nas Finalidades e Objectivos seleccionados, requerem a opção por uma linha metodológica que enfatize o desenvolvimento de aprendizagens promotoras da autonomia pessoal e conducentes à construção progressiva de um quadro de referências orientador da intervenção crítica na vida colectiva.

Um tal processo, que visa desenvolver nos alunos a apropriação consciente de formas de pensar estruturadas e de modos de agir criativos, implica a concepção:

- da aula como um espaço aberto às dinâmicas individuais e de grupo, num equilíbrio entre iniciativa pessoal e cooperação;
- do professor como um orientador atento, conciliando o cumprimento da programação com respostas pedagogicamente adequadas às necessidades dos alunos, procedendo à diversificação de estratégias e à necessária individualização do ensino.

Para que os alunos atinjam os objectivos propostos e venham a evidenciar as competências consideradas desejáveis, toda uma variedade de recursos e de actividades poderá ser mobilizada pelo professor, no sentido de:

- incentivar e orientar a pesquisa individual em suportes diversos, dentro e fora da sala de aula;
- estimular a organização e a recolha de dados recorrendo, nomeadamente, às novas tecnologias;
- promover contactos, devidamente programados, com a realidade envolvente;
- programar a realização de tarefas que estimulem capacidades de intervenção crítica e de fruição estética;
- proporcionar condições para a participação dos alunos em actividades que exijam tomadas de posição de carácter ético.

Em qualquer caso, porém, as actividades de carácter mais inovador ou mais complexo não poderão fazer esquecer as bases tradicionais da construção do conhecimento histórico:

- o comentário crítico de fontes de diferentes tipologias que propiciem uma recolha de dados diversificada;
- a elaboração e a análise de rigorosos quadros cronológicos que ajudem a estruturar a informação recolhida;

- a observação e elaboração de mapas de localização dos fenómenos em estudo que conduzam à formulação de hipóteses interpretativas sobre a afirmação e a difusão dos mesmos.

O trabalho de crítica das fontes, além de evidenciar a forma como se constrói um conhecimento que não se esgota na aquisição de conteúdos, terá ainda a vantagem de proporcionar a transferência de competências para outros domínios. Com efeito, numa civilização onde os *media* são determinantes e a apresentação de realidades virtuais é já um facto, torna-se urgente a construção de sólidos processos de cruzamento e desmontagem da informação – construção a que a História pode dar resposta.

Na planificação das actividades haverá o cuidado de as integrar em contextos que acentuem a vertente de construção científica do conhecimento. Assim, convirá que a abordagem dos conteúdos se inicie pelo levantamento de problemas e que sejam promovidas as condições para que os alunos concienzalizem os caminhos percorridos.

Quer no levantamento inicial de problemas quer na elaboração de pequenas sínteses conclusivas, será indispensável chamar-se a atenção para o estabelecimento de relações passado-presente, tornando explícitas linhas de articulação entre os conhecimentos adquiridos e as vivências dos alunos. Acresce que, no conhecimento histórico que se pretende construído, é necessário atender à vertente narrativa da disciplina, conciliando-a com abordagens de carácter mais estrutural que, inevitavelmente, terão também de ser proporcionadas. Com efeito, as dificuldades que o estudo da disciplina coloca prendem-se, sobretudo, com a compreensão pelos alunos de conceitos referentes a realidades hoje já inexistentes ou com a apreensão da dimensão temporal dos períodos estudados. O recurso a nexos de natureza causal, que patenteiem relações entre os diferentes períodos, ou entre o passado e o presente, e a evidência das transformações operadas contribuirão, decerto, para uma compreensão por parte dos adolescentes de questões mais complexas.

No plano curricular agora aprovado a institucionalização de aulas de 90 minutos oferece a possibilidade de desenvolvimento, na própria sala de aula, de estratégias mais exigentes em tempo, nomeadamente de pesquisa individual e de trabalho em equipa. Em todos os módulos é apresentada, com carácter de sugestão, uma vasta gama de actividades, contextualizadas em situações de aprendizagem. No entanto, os professores poderão sempre optar por outras, mais consentâneas com exigências da escola ou dos alunos. Em qualquer caso, só uma planificação cuidada das actividades pode propiciar condições para a execução de reais «trabalhos práticos» e conduzir a uma efectiva apropriação, por todos os alunos, dos conteúdos em estudo. A programação dessas actividades exigirá, naturalmente, a constituição de equipas de professores da mesma escola, que assegurem a elaboração dos materiais que suportem de forma coerente e adequada as actividades a realizar pelos alunos. É um trabalho que virá por certo a facilitar a articulação entre a disciplina e a Área de Projecto.

No trabalho visado é também indispensável que o professor se preocupe com a forma como os alunos estudam. Importará discutir formas de utilizar o manual e formas de ampliar e diversificar a informação nele contida. Será também importante suscitar a consulta de obras historiográficas acessíveis, sendo propiciada informação sobre a elaboração de fichas bibliográficas e fichas de leitura. Por outro lado, na pesquisa e organização de informação, deve existir cuidado em sensibilizar para o distanciamento necessário relativamente à apropriação do conhecimento produzido por outros e, no limite, para a propriedade do trabalho intelectual.

Resta acrescentar que os registos escritos de tipo diversificado produzidos pelos alunos, bem como a apresentação oral de actividades realizadas, devem ser, no ensino secundário, particularmente cuidados. Caberá ao professor, na perspectiva de transversalidade da língua portuguesa, consciencializar os alunos da necessidade de aperfeiçoarem a sua produção linguística.

2.6. Recursos

O cumprimento da linha metodológica proposta exige a mobilização da Escola, no sentido de serem facultados a alunos e professores os recursos essenciais.

Ao nível das salas de aula deverão ser criadas condições que permitam a utilização do retroprojector e do projector de diapositivos; as salas deverão estar equipadas com expositores de parede para apresentação de projectos em curso e de trabalhos já realizados.

Será também essencial que a escola mobilize os seus recursos globais na criação ou dinamização de um centro de recursos de fácil acesso que integre:

- biblioteca apetrechada com as obras de consulta geral indicadas no programa – atlas, dicionários, enciclopédias, histórias gerais – e com publicações periódicas, no âmbito da História e das Ciências Sociais.
- mediateca com recursos em suportes variados;
- área/s equipada/s com meios que permitam a recolha de informação (gravadores áudio e vídeo, máquina fotográfica), com meios informáticos (PC ligados em rede, com acesso à Internet) e de apresentação pública da informação recolhida e produzida (*datashow*) .

Considera-se, ainda, de interesse que a Escola dinamize a formação de um centro de documentação de história local e regional.

2.7. Avaliação

Parte integrante da linha metodológica seleccionada, a avaliação será entendida como elemento regulador da aprendizagem. Assim, a planificação das práticas de avaliação não se reveste de um carácter autónomo; ela deve fazer parte do processo de gestão das aprendizagens, contribuindo para o fornecimento de informação relevante na perspectiva do professor e na do aluno.

Com efeito, convém que o professor, no estabelecimento de objectivos para cada unidade de ensino, não os encare numa perspectiva formalista, atomizando os objectivos em torno de cada conteúdo e perdendo de vista, numa opção redutora, a orientação geral da aprendizagem; mas convém, igualmente, que se não centre apenas no desenvolvimento das estratégias /actividades, já que estas são apenas um meio de suscitar a interiorização do conhecimento e dos modos de fazer. A avaliação é, pois, indispensável ao professor, para a obtenção de informação sobre a adequação dos actos de ensino às aquisições desejadas.

Por outro lado, importa que os alunos possam perspectivar os seus progressos, envolvendo-se na construção progressivamente mais consciente das aprendizagens. Ora, um tal processo só será viável se tiver sido suscitada nos alunos a representação dos fins a atingir e se lhe for sendo fornecida informação que possa utilizar para se corrigir.

Assim, tornados claros para os alunos, num processo de co-responsabilização, os objectivos a atingir, as tarefas a desenvolver (no âmbito de estratégias que considerem a necessária individualização do ensino) e os critérios de execução esperados, o professor ajudará cada aluno a encontrar os domínios em que, eventualmente, seja necessário modificar o seu desempenho.

Releva-se, pois, o carácter formador da avaliação, em que o diagnóstico tem uma função instrumental. Por isso, e a fim de serem detectados, a tempo, eventuais desajustes, foi criado, como se referiu, à entrada do 10º ano, um módulo inicial com função de diagnóstico e de reorientação.

A avaliação interna deve assim garantir o acompanhamento da progressão do trabalho a realizar em cada módulo, revestindo formas adequadas aos objectivos cuja consecução se pretende testar e sendo sensível aos processos e não apenas aos produtos. O que implica que, para além de testes escritos, sejam aplicadas listas de verificação, fichas de observação e outros instrumentos sensíveis à especificidade do desempenho das tarefas, tendo-se consciência de que, em alguns domínios, só no médio prazo serão evidentes os resultados.

A perspectiva formadora da avaliação a que se deu relevo não se pretende incompatível com um controlo de características sumativas – interno e externo. Com efeito, professor e alunos sabem que a escola é um colectivo e que, tendo embora cada um o direito a ser avaliado na sua individualidade, de modo a poder progredir, todos necessitam de ser confrontados com as exigências sociais, necessidade de que a escola não pode alhear-se.

No curso de Ciências Sócio-Económicas o sistema prevê, no âmbito da avaliação sumativa, uma prova global no final do 11º ano. A prossecução dos objectivos da disciplina, sistematicamente visados ao longo de dois anos, propiciará aos alunos os instrumentos indispensáveis ao êxito nessa testagem final. De modo a auxiliar o professor a estabelecer linhas de orientação relativamente às metas de avaliação sumativa, o Programa assinala os *conteúdos de aprofundamento*, os *conceitos* e as *aprendizagens* consideradas *estruturantes*.

3. Desenvolvimento do programa

3.1. Estrutura dos módulos

Cada módulo abre com um conjunto de informações, designado como **orientação geral**, em que são clarificados:

- o âmbito cronológico do módulo;
- as vertentes mais significativas a explorar, no tratamento dos conteúdos, e o grau de relevância atribuído aos mesmos, estabelecendo-se, por isso, aqueles que devem ser considerados **de aprofundamento**;
- o número de aulas aconselhado, especificando-se o número das que devem ser reservadas para os conteúdos de aprofundamento;
- as aprendizagens previstas no ensino básico, consideradas como suporte.

Da necessidade de recuperar aprendizagens do ensino básico decorre a exigência de que o professor conheça o programa da disciplina deste nível de ensino e o enunciado de competências que lhe está adstrito.

Após a indicação da orientação geral, são apresentados, em cada módulo, quadros que estabelecem:

- a rubricação dos **conteúdos**, destacando os **de aprofundamento**;
- os **conceitos**/noções específicos, assinalando-se (com asterisco) aqueles que devem ser entendidos como **estruturantes**;
- um conjunto de sugestões metodológicas e de recursos, tendo em vista a organização das situações de aprendizagem.

Os conceitos específicos são indicados, em cada módulo, no primeiro momento em que o seu conhecimento se torna indispensável; alguns foram já objecto de abordagem no ensino básico e serão objecto de trabalho continuado, ao longo dos anos de aprendizagem que à disciplina respeitam.

Quanto aos conteúdos, são considerados de aprofundamento:

- os que se centram em aspectos definidores da temática essencial do módulo;
- os que se referem a especificidades do processo histórico português.
- os que se revestem de uma dimensão problematizadora.

Os restantes conteúdos respeitam:

- a enquadramentos gerais, destinados a identificarem os tempos e os espaços em que se processam as transformações que serão objecto de estudo;

- a articulações com outros momentos/fases da história europeia ou mundial;
- a áreas que foram já objecto de tratamento no ensino básico e que são convocadas neste nível como base dos aprofundamentos a efectuar.

Aos conteúdos de aprofundamento deverá corresponder um maior número de aulas e a opção por estratégias que suscitem um maior envolvimento dos alunos.

Relativamente às situações de aprendizagem, elas apontam em duas direcções:

- a indispensabilidade do recurso à análise de fontes, de quadros cronológicos, de mapas, e à elaboração orientada de glossários;
- a possibilidade de organização de actividades diversificadas, nomeadamente em equipa, tendo em atenção, sobretudo, a existência de aulas de 90 m.

Em todas elas, mas sobretudo no caso destas últimas, apenas se trata de sugestões, com carácter meramente indicativo. Ou seja, nem se revestem de obrigatoriedade nem se destinam à realização exaustiva. E porque ao professor compete também um importante papel na construção do currículo, cada professor, nos contextos da escola e das turmas em que desenvolve o trabalho, decidirá quais as estratégias e os recursos mais adequados, desde que constituam conjuntos coerentes, organizados em actividades práticas.

O módulo fecha com a indicação das **aprendizagens** para as quais concorre o trabalho desenvolvido. Têm carácter deliberadamente amplo, em consonância com as três vertentes dos objectivos da disciplina, as quais devem ser permanentemente mobilizadas. No conjunto das aprendizagens, assinalam-se (com duplo asterisco) aquelas que, em conformidade com a orientação estabelecida, devem ser entendidas como **estruturantes**.

Quanto aos **conceitos operatórios e aos conceitos metodológicos de âmbito geral**, em virtude da sua transversalidade, não foram inseridos nos módulos. Obviamente, **não se destinam a ser objecto de teorização** - são encarados como subjacentes ao desenvolvimento do conjunto dos conteúdos, razão pela qual se apresentam em quadro global, antecedendo a apresentação dos módulos. Na verdade, só no médio / longo prazo, no decurso do ciclo de estudos que o ensino secundário constitui, se espera que a apropriação destes conceitos se efectue. O seu enunciado é apresentado, sobretudo, no sentido de constituir um **referencial permanente da acção do professor**.

3.2. Conceitos operatórios e conceitos metodológicos

<p>Conceitos Operatórios</p>	<p>Temporalidade</p> <p>Espacialidade</p> <p>Níveis de análise</p> <p>Campos de problematização</p> <p>Mutação</p>	<p><i>Tempo curto</i> <i>Tempo cíclico</i> <i>Longa duração</i></p> <p><i>Local</i> <i>Regional</i> <i>Nacional</i> <i>Civilizacional</i> <i>Mundial</i></p> <p><i>Evento</i> <i>Conjuntura</i> <i>Estrutura</i> <i>Diacronia</i> <i>Sincronia</i> <i>Periodização</i></p> <p><i>Político</i> <i>Económico</i> <i>Social</i> <i>Cultural</i> <i>Institucional</i> <i>Mentalidades</i></p> <p><i>Ruptura</i> <i>Crise</i> <i>Revolução</i></p>
<p>Conceitos Metodológicos</p>	<p>Fontes</p> <p>Operações</p> <p>Métodos</p>	<p><i>Documento</i> <i>Fontes escritas</i> <i>Fontes monumentais</i> <i>Fontes paisagísticas e naturais</i> <i>Fontes da civilização material</i> <i>Fontes orais</i> <i>Dado histórico</i></p> <p><i>Heurística</i> <i>Crítica externa</i> <i>Crítica interna</i> <i>Hipótese</i> <i>Modelo</i> <i>Tendência</i> <i>Síntese histórica</i> <i>Ciências anexas da História</i></p> <p><i>Método indutivo</i> <i>Método comparativo</i> <i>Método quantitativo</i></p>

Orientação Geral:

O módulo Inicial reveste-se de um **carácter propedêutico**, devendo ser desenvolvido de acordo com a seguinte orientação:

- conhecer a situação do aluno, a partir de uma avaliação diagnóstica, relativamente ao conhecimento histórico e às competências específicas com ele relacionadas *;
- proceder à recuperação orientada de grandes quadros cronológicos e espaciais globais proporcionados pelas aprendizagens previstas no Ensino Básico;
- sensibilizar para a importância do conhecimento histórico como suporte de inteligibilidade do mundo contemporâneo;
- valorizar os saberes dos alunos, visando a reorientação e o desenvolvimento de atitudes favoráveis à aprendizagem.

Deverão ser **excluídas teorizações sobre metodologias da História e sobre o estatuto epistemológico do conhecimento histórico**.

Tempo previsto: 6 aulas

Conteúdos	Conceitos / / Noções	Situações de aprendizagem - sugestões
<p><u>A História: tempos e espaços</u></p> <p>. Quadros espaço-temporais; períodos históricos e momentos de ruptura.</p> <p>. Processos evolutivos; a multiplicidade de factores.</p> <p>. Permutas culturais e simultaneidade de culturas.</p> <p>. História nacional e história universal – interações e especificidade do percurso português.</p>	<p>Fonte histórica Tempo histórico Cronologia Periodização Património Condicionismo Efeito Ciências Sociais</p>	<p>De acordo com a orientação prevista para este módulo, o professor, como criador de currículo, deverá construir caminhos adequados aos contextos e às necessidades dos alunos. Assim, os tópicos enunciados não devem ser abordados de uma forma sequencial mas antes vistos e tratados como direcções de aprendizagem, no contexto de uma exploração integrada e organizada em função dos eixos maiores do tempo e do espaço.</p> <p>A abordagem à noção de período histórico decorrerá, essencialmente, da análise da multiplicidade de documentos, acentuando-se, sobretudo, as mutações e o carácter contrastante das diferentes épocas.</p> <p>A recolha e o tratamento da informação devem resultar de um trabalho guiado pelo professor, de selecção e consulta de documentos e recursos - em suportes variados e devidamente didactizados – de diversa natureza e índole (enciclopédias, atlas, colecções documentais, dados numéricos com suporte informático) escritos e iconográficos, áudio e audiovisuais; documentos alusivos a aspectos materiais e do quotidiano; documentos relacionados com monumentos, com sítios classificados, com vestígios arqueológicos...</p> <p>Sugere-se que se privilegiem documentos que constituam exemplos marcantes de cada uma e das diversas épocas, cotejados com outras informações, numa análise cruzada que evidencie articulações.</p> <p>Importa que o professor, face à sobredensificação da informação, ensine o aluno a procurá-la, a sistematizá-la e a avaliar a sua pertinência.</p> <p>A avaliação diagnóstica deverá também possibilitar a aferição de dificuldades linguísticas, nos domínios da oralidade e da escrita. Deverão, por isso, ser utilizadas técnicas de comunicação oral, e trabalhados e produzidos textos para cultivar e melhorar essas competências e incentivar a interactividade entre a oralidade e a expressão escrita.</p>

Consideram-se como aprendizagens relevantes as que são contempladas na matriz de competências essenciais promovidas no Ensino Básico, destacando-se:

- compreender a noção de período histórico como resultado de uma reflexão sobre permanências e mutações nos modos de vida das sociedades, num dado espaço;
- organizar quadros cronológicos e espaciais da História de Portugal e da História Geral, estabelecendo inter-relações;
- reconhecer a diversidade de documentos e a necessidade de uma leitura crítica;
- exercitar a prática de recolha de informação e da sua transformação em conhecimento;
- desenvolver a noção de relativismo cultural.

* COMPETÊNCIAS ESSENCIAIS PROMOVIDAS NO ENSINO BÁSICO - de acordo com publicação do enunciado de Competências Essenciais em História

TRATAMENTO DE INFORMAÇÃO /UTILIZAÇÃO DE FONTES

- Participar na selecção de informação adequada aos temas em estudo; interpretar documentos com mensagens diversificadas; formular hipóteses de interpretação de factos históricos; realizar trabalhos simples de pesquisa, individualmente ou em grupo.
- Inferir conceitos históricos a partir da interpretação e análise cruzada de fontes com linguagens diversas (textos, imagens, mapas e plantas, tabelas cronológicas, gráficos e quadros).
- Utilizar meios informáticos no tratamento gráfico da informação (mapas e gráficos), no processamento de informação e comunicação de ideias, e consulta, interpretação, organização e avaliação da informação.

COMUNICAÇÃO EM HISTÓRIA

- Utilizar diversas formas de comunicação escrita, nomeadamente, na produção de biografias, diários, narrativas, resumos, sínteses, relatórios, aplicando o vocabulário específico da História na descrição, relação e explicação dos diferentes aspectos da sociedade. O uso correcto da expressão escrita em língua portuguesa é fundamental nestas actividades.
- Utilizar correctamente a língua portuguesa na expressão oral e na emissão de opiniões fundamentadas, através da narração/descrição e participação em pequenos debates, colóquios, mesas – redondas, painéis, apresentações orais de trabalhos.
- Analisar e produzir materiais iconográficos (plantas/mapas, gráficos, tabelas, quadros, frisos cronológicos, organigramas, esquemas) enriquecendo a comunicação com a sua utilização.
- Utilizar os meios informáticos como suporte da comunicação.

COMPREENSÃO HISTÓRICA:

- ◆ **TEMPORALIDADE**
- Identificar e caracterizar as principais fases da evolução histórica e os grandes momentos de ruptura do processo evolutivo.
- Localizar no tempo eventos e processos, estabelecer relações entre passado e presente.
- Explicitar as dinâmicas temporais que impulsionam as sociedades humanas (permanências, transformações, desenvolvimentos, evoluções, crises, rupturas e revoluções).
- ◆ **ESPACIALIDADE**
- Localizar e situar no espaço, com recurso a formas diversas de representação espacial.
- ◆ **CONTEXTUALIZAÇÃO**
- Distinguir aspectos de ordem demográfica, económica, social, política e cultural e estabelecer relações entre eles.
- Interpretar o papel dos indivíduos e dos grupos na dinâmica social.
- Relacionar a história nacional com a história universal, abordando a especificidade do caso português.

Orientação Geral:

O módulo 1 proporciona o estudo da evolução económica da Europa na época moderna, devendo ser desenvolvido de acordo com a seguinte orientação:

- perspectivar as relações que as sucessivas áreas dominantes do capitalismo mercantil estabeleceram com áreas subordinadas;
- salientar, como denominador comum, a matriz mercantilista do processo e o seu significado na eclosão do capitalismo industrial e financeiro;
- realçar a importância de Portugal no século XVI e as políticas económicas adoptadas ao longo dos séculos XVII e XVIII.

Tempo previsto: 28 aulas, sendo de **aprofundamento** o **ponto 4.**, para o qual serão reservadas cerca de 12 aulas.

Aprendizagens do ensino básico consideradas como suporte: *Formação dos Impérios Ibéricos; A União Ibérica e a Restauração da Independência; O arranque da Revolução Industrial.*

Conteúdos	Conceitos / / Noções	Situações de aprendizagem - sugestões
<p><u>1. Uma Europa a dois ritmos: predominância rural e dinamismo dos centros urbanos; as hesitações do crescimento.</u></p> <p><u>2. A afirmação da fachada atlântica – Lisboa, Sevilha e Antuérpia</u></p> <p>2.1. Fortuna e fragilidade dos Impérios Ibéricos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Precocidade de Portugal na formação de um império transoceânico: monopólio régio, nobreza de serviço e papel fulcral dos mercadores; escassez de recursos humanos e de meios de pagamento. - O acesso da Espanha à prata americana; atracção dos meios mercantis portugueses. <p>2.2. Condição periférica da Península e dimensão mundial das rotas transoceânicas; a articulação com o Norte da Europa.</p>	<p>Economia pré-industrial * Crise demográfica</p> <p>Casa da Índia Casa da Contratação Monopólio estatal * Feitoria Entrepasto comercial Capitalismo comercial * Mercantilismo * Bolsa de valores</p>	<p>-Elaboração e análise de mapas: evolução política da Europa nos séculos XVI a XVIII; evolução das áreas abrangidas pelos impérios coloniais europeus nos séculos XVI a XVIII; tráficos coloniais nos séculos XVI a XVIII; dimensão demográfica das principais cidades europeias nos séculos XVI a XVIII.</p> <p>-Elaboração de tabelas cronológicas: evolução dos diferentes impérios coloniais; progressos científicos e técnicos nos séculos XVI a XVIII.</p> <p>-Organização de um ficheiro de vocábulos económicos referentes ao capitalismo comercial.</p> <p>-Recolha de dados quantitativos e elaboração de gráficos: evolução demográfica nos sécs. XVI a XVIII ; efectivos por sectores de actividade nos diversos países; crises demográficas; tráficos coloniais ibéricos; movimento do Banco e da Bolsa de Amesterdão; movimento do Banco de Inglaterra; volumes de transacções de companhias comerciais e da produção manufactureira; flutuações de remessas do ouro brasileiro; balança comercial anglo-portuguesa no século XVIII.</p>

Conteúdos	Conceitos / / Noções	Situações de aprendizagem- sugestões
<p>3. <u>O controlo do comércio mundial pelo norte da Europa</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Vigor de Amesterdão; controlo do comércio europeu; constituição de uma rede de feitorias e de tráficos ultramarinos. - Protecção e reforço das economias nacionais face ao dinamismo holandês. <p>4. <u>A hegemonia económica britânica</u></p> <p>4.1. O predomínio de um Estado territorial</p> <ul style="list-style-type: none"> - Condições do sucesso inglês e vitalidade da cidade de Londres. O arranque industrial. - Bloqueio das indústrias europeias e norte-americanas; controlo da produção e do comércio asiáticos. <p>4.2. Portugal no contexto da ascensão económica da Inglaterra</p> <ul style="list-style-type: none"> - Recursos e organização das forças produtivas do Reino e do Brasil pelo Estado - da crise comercial de finais do século XVII às primeiras medidas do mercantilismo manufactureiro; do tratado de Methuen à apropriação do ouro brasileiro pelo mercado britânico. - A política económica e social pombalina; a prosperidade comercial de finais de século XVIII. 	<p>Companhia monopolista Protecção * Balança comercial Exclusivo colonial * Comércio triangular Tráfico negreiro Bandeirante Manufatura</p> <p>Acto de Navegação Enclosure Banco de depósito Mobilidade social * Revolução industrial * Mercado nacional* Época moderna</p>	<p>Visionamento, apoiado em guião, de excertos de filmes que recriem situações históricas relativas ao período cronológico abrangido pelo módulo, por ex., <i>O Processo do Rei</i>, de João Mário Grilo (1990); <i>A Missão</i>, de R. Joffé (1986); <i>Palavra e Utopia</i> de Manoel de Oliveira (2000). Debate após visionamento.</p> <p>Leitura recreativa da BD de F. Bourgeon (1987). <i>Os Passageiros do Vento</i>. Lisboa: Meriberica Liber Editores.</p> <p>Sugestões para trabalhos em equipa:</p> <p>Trabalho escrito e exposição oral - <i>A Índia, região periférica numa economia centrada na Europa, séculos XVI a XVIII</i>. Recolha e organização de informação sobre a Índia no projecto português e sua concretização no século XVI; atracção, no século XVII, para a nova área de influência inglesa. Recolha de informação historiográfica em dicionários de história de Portugal e de história universal e em obras gerais, como P. Leon (dir), <i>História Económica e Social do Mundo</i> e F. Braudel, <i>O Tempo do Mundo</i>. Utilização de fontes exploradas com o apoio de guiões – p. ex., cartas de Afonso de Albuquerque; reprodução de fontes iconográficas na revista <i>Oceanos</i>; tabelas com a evolução dos negócios das Índias Orientais Inglesas. Apresentação do trabalho apoiado em documentação iconográfica e cartográfica projectada.</p> <p>-Elaboração de uma biografia - <i>Maurício de Nassau e o Brasil do seu Tempo</i>. Recolha de dados sobre as origens familiares e as facetas mais relevantes da vida pública de M. Nassau, destacando a estada no Brasil, a articulação com os Estados Gerais e com a Companhia das Índias Ocidentais holandesa. Recolha em enciclopédias, histórias gerais e nos capítulos referentes à ocupação do Brasil pelos Holandeses, em F. Bethencourt e K. Chaudhuri (dir.), <i>História da Expansão Portuguesa 2</i>, e em F. Mauro, <i>Nova História da Expansão</i>, vol. II.</p> <p>-Trabalho escrito e representação teatral - <i>Índios e Jesuítas no Brasil</i> Recolha de informação sobre o papel dos índios no sistema colonial português dos séculos XVII e XVIII - mão-de-obra e exploração territorial e económica do Brasil; organização do trabalho e enquadramento comunitário;</p>

Conteúdos	Conceitos / / Noções	Situções de aprendizagem- sugestões
		<p>relação colono/índio. Utilização de fontes escritas, iconográficas e cartográficas, p. ex., descrições de aldeamentos por jesuítas e reproduções de imagens, da revista <i>Oceanos</i>. Exploração das fontes apoiada em guiões; localização em cartas geográficas. Elaboração pelos alunos de um guião para representação teatral de um episódio de mediação dos jesuítas no confronto entre índios e colonos ou entre índios e a coroa.</p> <p>Organização de mesa redonda e debate - <i>Os Agentes económicos na Economia Pré-Industrial</i>.</p> <p>Oportunidade da iniciativa suscitada pela leitura de dois pequenos estudos de C. Cipolla, «Homens de barba rija» e «Os Savary e a Europa», em <i>Três Histórias Extravagantes</i>, Lisboa, Celta, 1995; apoio para fundamentação, do mesmo autor, <i>História Económica da Europa Pré-Industrial</i>.</p> <p>-Exposição no âmbito da história local/regional - <i>Manufacturas- o que resta?</i></p> <p>Pesquisa de informação sobre testemunhos, na localidade ou na região, do fomento manufactureiro desenvolvido em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Visita de estudo, apoiada em guião, a vestígios arquitectónicos ou colecções de materiais recolhidos em museus. Registos gráficos e fotográficos. Elaboração de pequenos textos de explicitação da política da época, em articulação com as imagens seleccionadas. Apresentação à escola.</p>

Na sequência da actividade desenvolvida, relevam-se as seguintes aprendizagens:

- identificar o pioneirismo de Portugal na formação da economia mercantil à escala mundial;
- compreender a necessidade de os Estados Ibéricos obviarem à sua condição periférica, ancorando-se no centro da economia europeia;
- ** analisar as transformações económicas ocorridas em Portugal nos séculos XVII e XVIII e a condição de subordinação das suas áreas coloniais;
- **relacionar a formação de um mercado nacional e o arranque industrial ocorridos em Inglaterra com a transformação irreversível das estruturas económicas;
- reconhecer as crises económico-demográficas como factor de agravamento das condições do mundo rural;
- reconhecer, na Europa moderna, a importância da afirmação das cidades potenciadoras de dinamismos económicos e sociais;
- ** reconhecer, nas práticas mercantilistas, modos de afirmação das economias nacionais;
- relacionar os ritmos de desenvolvimento económico dos diversos países com factores de bloqueio ou de abertura social e política;
- ** diferenciar, no processo de mundialização da economia, áreas hegemónicas e áreas subordinadas.

*** Conceitos / ** Aprendizagens estruturantes**

Orientação geral:

O módulo 2 centra-se no processo de transformação da organização político-social de Antigo Regime e na afirmação do novo quadro liberal, abrangendo um período que se estende do século XVII a meados do século XIX, devendo ser desenvolvido de acordo com a seguinte orientação:

- salientar o esgotamento do modelo político e social de Antigo Regime face à evolução material e mental das sociedades cujo estudo se iniciou no módulo anterior;
- analisar, como exemplo de um processo de implantação do liberalismo, o caso português na primeira metade do século XIX ;
- relevar, das revoluções liberais, a aquisição de conceitos e de instrumentos definidores da vida política contemporânea.

Tempo previsto: 28 aulas, sendo de **aprofundamento os pontos 2. e 3.2** para os quais serão reservadas cerca de 12 aulas.

Aprendizagens do ensino básico consideradas como suporte: *A Revolução Francesa; A Revolução Americana.*

Conteúdos	Conceitos / / Noções	Situações de aprendizagem- sugestões
<p><u>1.O Antigo Regime: estratificação social e poder absoluto</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A geografia do poder nos séculos XVII e XVIII: os Estados de regime absoluto; os Estados de regime parlamentar. - A sociedade de ordens: uma estratificação assente no privilégio e garantida pelo absolutismo régio de direito divino. <p><u>2. A crítica da monarquia absoluta e as origens da ideologia liberal</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A recusa do absolutismo e os novos princípios de organização social em Inglaterra: valor do indivíduo, livre iniciativa, tolerância, separação dos poderes. - O iluminismo: a apologia da razão; o primado da ciência. 	<p>Antigo Regime * Monarquia absoluta * Parlamento Ordem/estado * Sociedade de corte</p> <p>Iluminismo * Direito natural Contrato social</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Elaboração/análise de mapas referentes a: regimes políticos na Europa dos séculos XVII e XVIII; geografia das revoluções liberais nos séculos XVIII e primeiras décadas do XIX. -Elaboração de tabelas cronológicas referentes ao ciclo das revoluções liberais no mundo ocidental e à revolução portuguesa. -Elaboração de um ficheiro de vocábulos referentes aos modelos políticos no período em estudo. -Recolha e registo de adágios populares que revelem a permanência de valores e comportamentos característicos do Antigo Regime. -Visionamento, apoiado em guião, de excertos de filmes que recriem situações históricas relacionadas com os conteúdos do módulo: por ex., <i>A Tomada de poder por Luis XIV</i>, de Rosselini (1966), <i>A Fuga de Varennes</i>, de Ettore Scola (1982), <i>Amistad</i>, de Spielberg (1997). Audição de composições musicais relacionadas com os conteúdos do módulo: gravações discográficas de obras de Domingos Bontempo, compositor que exaltou a revolução vintista; canções revolucionárias francesas – p. ex. «La Carmagnole» , «Ça ira», ed. do Instituto Franco Português – e portuguesas, p. ex. recriações do «Hino da Maria da Fonte», em <i>O Melhor dos Melhores</i> , Vitorino (1994) ou «Quem diz que é pela Rainha» e «O Cabral fugiu para Espanha» em <i>Fura fura</i>, José Afonso (1978). -Visita de estudo a núcleos urbanos setecentistas ou análise de plantas e

Conteúdos	Conceitos / / Noções	Situações de aprendizagem- sugestões
<p><u>3. As revoluções liberais e a ruptura com o Antigo Regime</u></p> <p>3.1. A geografia dos movimentos revolucionários, de finais do século XVIII a meados do século XIX: precocidade americana e francesa; vagas revolucionárias liberais e nacionais – 1820, 1830 e 1848.</p> <p>3.2. A implantação do liberalismo em Portugal</p> <p>- Antecedentes e conjuntura: 1807 a 1820.</p> <p>- A revolução de 1820 e as resistências ao liberalismo (1820-1834): precariedade da legislação vintista de carácter socioeconómico; desagregação do império colonial. Constituição de 1822 e Carta Constitucional de 1826.</p> <p>- O novo ordenamento político e social (1834-1851): importância da legislação de Mouzinho da Silveira e dos projectos setembrista e cabralista.</p> <p>4. <u>O legado do liberalismo político na primeira metade do século XIX</u></p> <p>- O Estado como garante da ordem social; a secularização das</p>	<p>Revolução liberal * Constituição * Soberania nacional* Sistema representativo*</p> <p>Monarquia constitucional* Carta constitucional Vintismo Cartismo Setembrismo Cabralismo Estado laico Sufrágio censitário Cidadão activo Cidadão passivo Opinião pública Liberalismo económico *</p>	<p>gravuras a eles referentes, para observação da ordenação social do espaço citadino.</p> <p>-Análise comparada da <i>Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão</i>, de 1789, e da <i>Declaração Universal dos Direitos Humanos</i>, seguida de um debate ou mesa redonda sobre <i>O liberalismo e a problemática dos direitos humanos</i>.</p> <p>-Elaboração, a partir da análise da estrutura da Constituição de 1822 e da Carta Constitucional de 1826, de um quadro comparativo dos dois modelos do liberalismo político oitocentista português.</p> <p>-Elaboração de uma ficha de leitura de capítulos das <i>Memórias</i> do Marquês de Fronteira, referentes aos anos de 1800-1850. Pode, p. ex., escolher-se uma sequência que contemple aspectos da vida privada, das revoluções e dos exílios oitocentistas, da conquista do poder pelos absolutistas e pelos liberais, dos partidos e da vida política (1º vol., I Parte, caps I e XI, II Parte, cap. III; 2º vol., II Parte, cap XV, IV Parte, caps, I e VI; 4º vol., VII Parte, cap. I).</p> <p>Sugestões para trabalhos em equipa:</p> <p>-Exposição - <i>O barroco, estética ao serviço do poder</i> Pesquisa, apoiada em fichas de exploração, de informação em fontes iconográficas e textuais e em textos historiográficos, sobre a política interna e externa de reforço do poder real, gizada no reinado de D. João V. Visita a um monumento local ou a colecções de um museu que permitam a leitura de características do barroco; elaboração de registos gráficos e/ou fotográficos. Organização do material e registo escrito de conclusões. Elaboração de legendas e de um pequeno catálogo com contextualização das reproduções. Apresentação à escola. Música de fundo da época.</p> <p>A actividade proposta poderá versar sobre <i>O urbanismo de raiz iluminista</i>, se o local ou a região oferecer condições mais favoráveis a esta actividade, centrando-se, nesse caso, no reinado de D. José.</p> <p>-Elaboração da biografia de um cientista que evidencie as condições e os problemas da produção científica no século XVIII, p. ex. Lavoisier.</p> <p>-Trabalho escrito e exposição oral - <i>Os modelos sociopolíticos em Portugal nos tempos de D. Maria I e de D. Maria II</i> Recolha de informação em diários e memórias de autores portugueses e</p>

Conteúdos	Conceitos / / Noções	Situações de aprendizagem - sugestões
<p>instituições; o cidadão, actor político.</p> <p>- Os limites da universalidade dos direitos humanos: a problemática da abolição da escravatura.</p>	<p>Época contemporânea</p>	<p>de viajantes estrangeiros, complementada pela leitura dos capítulos correspondentes, na obra de José-Augusto França, <i>O Romantismo em Portugal</i> (p. ex. os caps. «Jacobinos, ingleses e góticos», 1º vol. e «Fisiologia da capital», 2º vol.). Recurso, para informação sobre práticas políticas do liberalismo, à obra de I. N. Vargues (1997). <i>A Aprendizagem da Cidadania em Portugal</i> (1820-23), Coimbra: Minerva, (II parte, 2.).</p> <p>No âmbito da história regional ou local, contributo para um projecto mais vasto de constituição de um núcleo de recursos sobre a memória nacional – <i>O romantismo e a memória da nação</i>. Identificar, em estudos monográficos locais e em enciclopédias (p. ex., Luso-Brasileira, Verbo, dicionários corográficos, dicionário bibliográfico de Inocêncio da Silva...) o nome e a obra de eruditos oitocentistas que visassem nas letras, nas artes e nos domínios científicos (arqueologia, etnologia) reconstituir e perpetuar a memória nacional. Identificar igualmente iniciativas desenvolvidas para a constituição de arquivos, bibliotecas, colecções museológicas.</p> <p>- Debate político - <i>Simulação de debate parlamentar, na primeira metade do século XIX, em Portugal</i>. Identificação, no local ou a partir de reproduções, das grandes figuras do parlamentarismo português, na iconografia do Palácio de S. Bento. Recolha de dados sobre a vida e a obra de um dos representados. Organização dos dados e debate das grandes questões nacionais da época, assumidas pelos actores/alunos.</p>

Na sequência da actividade desenvolvida, relevam-se as seguintes aprendizagens:

- compreender a articulação entre o Estado absoluto e a sociedade de ordens;
- identificar o poder social da burguesia em finais do século XVIII como resultado dos dinamismos mercantis e da aliança com a realeza na luta pelo fortalecimento do poder real;
- ** compreender o fenómeno revolucionário oitocentista como afirmação da supremacia do princípio da soberania nacional sobre o da legitimidade dinástica;
- integrar o processo revolucionário português nas sucessivas vagas revolucionárias da primeira metade do século XIX;
- ** analisar a interação dos factores que convergiram no processo revolucionário português;
- ** reconhecer na persistência das estruturas arcaicas da sociedade portuguesa um factor de resistência à implantação do liberalismo;
- ** relacionar a desarticulação do sistema colonial luso-brasileiro e a questão financeira com a dinâmica de transformação do regime;
- ** relacionar as doutrinas económicas que valorizam a liberdade do mercado com a ideologia liberal;
- ** identificar o conceito de revolução como momento de ruptura e de mudança irreversível de estruturas;
- valorizar a participação cívica dos cidadãos como condição de afirmação da universalidade dos direitos humanos.

- * Conceitos/ ** Aprendizagens estruturantes

Módulo 3– A CIVILIZAÇÃO INDUSTRIAL – ECONOMIA E SOCIEDADE; NACIONALISMOS E CHOQUES IMPERIALISTAS

Orientação Geral:

- O módulo 3, estendendo-se num horizonte temporal de meados do século XIX à Primeira Grande Guerra, deve ser desenvolvido de acordo com a seguinte orientação:
- evidenciar, no processo de expansão do capitalismo industrial, o efeito potenciador da mundialização da economia e da desigualdade de desenvolvimento entre os países;
 - salientar as contradições da sociedade industrial e burguesa geradoras do aparecimento e desenvolvimento das propostas socialistas;
 - sensibilizar para as duas faces do movimento das nacionalidades: a valorização do Estado-nação e o desenvolvimento de tendências imperialistas.

Tempo previsto: 28 aulas, sendo de **aprofundamento os pontos 1.3., 2. e 4.**, para os quais serão reservadas cerca de 18 aulas.

Aprendizagens do Ensino Básico consideradas como suporte: *A revolução industrial inglesa.*

Conteúdos	Conceitos / / Noções	Situções de aprendizagem - sugestões
<p>1. <u>As transformações económicas na Europa e no Mundo</u></p> <p>1.1. A expansão da revolução industrial</p> <ul style="list-style-type: none"> - Novos inventos e novas fontes de energia; a ligação ciência - técnica. - Concentração industrial e bancária; racionalização do trabalho. <p>1.2. A geografia da industrialização</p> <ul style="list-style-type: none"> - A hegemonia inglesa. O arranque de novas potências; a permanência de formas de economia tradicional. <p>1.3. A agudização das diferenças</p> <ul style="list-style-type: none"> - A confiança nos mecanismos auto-reguladores do mercado. As crises do capitalismo. 	<p>Progressos cumulativos *</p> <p>Capitalismo rural</p> <p><i>Cartel</i></p> <p><i>Trust</i></p> <p><i>Holding</i></p> <p>Taylorismo *</p> <p>Estandardização</p> <p>Crise cíclica</p> <p>Livre cambismo *</p>	<p>-Elaboração/análise de mapas representando: as potências industriais cerca de 1830 e nos inícios do século XX; a expansão dos caminhos de ferro; a rede de trocas comerciais a nível mundial; os movimentos das nacionalidades; os Estados demoliberais e os Estados autoritários do mundo industrializado em 1914.</p> <p>-Elaboração de tabelas cronológicas: principais inventos do século XIX e primeiras décadas do século XX; evolução industrial em Portugal.</p> <p>-Organização de um ficheiro de vocábulos económicos referentes ao capitalismo industrial e financeiro, em continuidade com o trabalho iniciado no módulo1.</p> <p>-Recolha, análise e tratamento gráfico de dados quantitativos sobre produção e consumo de produtos industriais, surto bancário, crescimento demográfico, distribuição populacional por sectores de actividade, movimentos migratórios.</p> <p>-Análise de legislação de carácter social e político publicada no período de vigência da Primeira República.</p>

Conteúdos	Conceitos / / Noções	Situções de aprendizagem - sugestões
<p>- O mercado internacional e a divisão internacional do trabalho.</p> <p>2. <u>A afirmação da sociedade industrial e urbana</u></p> <p>2.1. A explosão populacional; a expansão urbana e o novo urbanismo; migrações internas e emigração.</p> <p>2.2. Unidade e diversidade da sociedade oitocentista</p> <p>- A condição burguesa: valores e comportamentos; proliferação do terciário e incremento das classes médias.</p> <p>- A condição operária: salários e modos de vida; associativismo e sindicalismo. As propostas socialistas de transformação revolucionária da sociedade.</p> <p>3. <u>O triunfo das nações e o choque dos imperialismos</u></p> <p>- A evolução democrática do sistema representativo nos Estados liberais; os excluídos da democracia representativa.</p> <p>- As aspirações de liberdade nos Estados autoritários e os movimentos de unificação nacional.</p> <p>- Os afrontamentos imperialistas: o domínio da Europa sobre o mundo.</p>	<p>Explosão demográfica *</p> <p>Profissões liberais</p> <p>Consciência de classe</p> <p>Sociedade de classes *</p> <p>Proletariado</p> <p>Movimento operário *</p> <p>Socialismo *</p> <p>Marxismo *</p> <p>Internacional operária</p> <p>Demoliberalismo *</p> <p>Imperialismo *</p> <p>Colonialismo *</p> <p>Nacionalismo *</p>	<p>-Análise de cartazes e de outras formas de publicidade que permitam identificar a evolução das técnicas de produção e dos produtos lançados no mercado.</p> <p>-Visionamento e comentário de filmes que recriem aspectos característicos da sociedade industrial e burguesa, de meados do século XIX à 1ª Guerra, p. ex: <i>O Leopardo</i>, de L. Visconti (1963), <i>O Homem Elefante</i>, de David Lynch (1980), <i>Perdido por Cem</i>, de António Pedro de Vasconcelos (1973), <i>A Idade da Inocência</i>, de Scorsese (1993).</p> <p>Visionamento do filme <i>O Vale era Verde</i>, de J. Ford (1941), seguido de debate. Apoio em guião que oriente a recolha de informação relevante sobre as transformações da sociedade e da paisagem no advento da civilização industrial – demografia e emigração; valores e ideologias; técnica e trabalho.</p> <p>-Audição de excertos de óperas de Verdi ou de Wagner, símbolos do nacionalismo, italiano e germânico.</p> <p>-Visita de estudo a um centro de arqueologia industrial, identificando o equipamento e os processos de produção utilizados.</p> <p>-Elaboração de uma ficha de leitura do conto <i>Civilização</i>, de Eça de Queirós, seguida de um debate sobre a atitude das personagens face à sociedade industrial.</p> <p>Sugestões para trabalhos em equipa:</p> <p>- Elaboração de uma biografia que reflecta as grandes problemáticas da viragem do século XIX e primeiras décadas do XX, p. ex., <i>Madame Curie</i>. Recolha de dados sobre as várias fases e facetas da vida de Marie Curie - a Polónia da infância; anti-semitismo e nacionalismo; a ciência e a técnica; o valor da educação e a afirmação da mulher; os grandes centros culturais e o novo mecenato. Consulta das biografias publicadas em Portugal, pesquisa na Internet em http://www.aip.org/history/Curie e em enciclopédias de História da Ciência. Organização dos dados e elaboração da biografia.</p> <p>Trabalho escrito e exposição oral – <i>A Geração de 90</i> Recolha de informação, recorrendo a fontes escritas, cartográficas e</p>

Conteúdos	Conceitos / Noções	Situações de aprendizagem - sugestões
<p>4. Portugal, uma sociedade capitalista dependente</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Regeneração entre o livre-cambismo e o protecçãoismo (1850-80): o desenvolvimento de infra-estruturas; a dinamização da actividade produtiva; a necessidade de capitais e os mecanismos da dependência. - Entre a depressão e a expansão (1880- 1914): a crise financeira de 1880-90 e o surto industrial de final do século. - As transformações do regime político (1890-1926): os problemas da sociedade portuguesa na viragem do século e a contestação da monarquia; a solução republicana e parlamentar – a Primeira República. 	<p>Regeneração * Fontismo</p>	<p>iconográficas, orientadas por fichas de exploração, sobre a importância da geração de 90 no devir social português - a questão do regime; grandes empresas e consagração da burguesia; visibilidade da "questão social"; o império africano. Elaboração e apresentação de pequena monografia.</p> <p>Exposição – <i>Trajectória política de Portugal (1875 – 1925) - o olhar do Zé Povinho</i>. Pesquisa em jornais e folhas satíricas de representações do <i>Zé Povinho</i>, símbolo popular nacional, da sua criação, por Rafael Bordalo Pinheiro, à sua recriação, no período em análise, por outros autores. Identificação dos principais problemas evidenciados e das figuras políticas mais visadas. Apoio documental em J.-A. França (1976). <i>Rafael Bordalo Pinheiro. Caricatura Política</i>. Lisboa: Terralivre. Recurso a publicações do Museu Bordalo Pinheiro, em Lisboa, e a informação colhida em organismos culturais das caldas da Rainha .</p>

Na sequência da actividade desenvolvida, relevam-se as seguintes aprendizagens:

- relacionar a dinâmica do crescimento industrial com o carácter cumulativo dos progressos técnicos e a exigência de novas formas de organização do trabalho;
- ** compreender que os desfasamentos cronológicos da industrialização determinaram relações de dominação e de dependência a nível mundial;
- reconhecer as características das crises do capitalismo liberal;
- ** relacionar o papel da burguesia, como nova classe dirigente cultural e política, com a expansão da indústria, do comércio e da banca;
- ** identificar as oportunidades oferecidas pelo capitalismo oitocentista à formação de uma nova classe média;
- ** reconhecer, nas formas e nos modos que o movimento operário assumiu, a resposta à questão social do capitalismo industrial;
- filiar a afirmação do movimento das nacionalidades no ideário das revoluções liberais;
- ** relacionar as rivalidades e a partilha coloniais com a vontade de domínio político e com a necessidade de mercados de bens e de capitais por parte dos Estados;
- ** integrar o processo de industrialização portuguesa no contexto geral, identificando os factores que a limitaram;
- ** compreender a instauração da Primeira República portuguesa como uma etapa do demoliberalismo parlamentar, após o esgotamento do liberalismo monárquico.
- avaliar a importância da afirmação dos regimes demoliberaes, não obstante a permanência de formas de discriminação no seu seio.

*** Conceitos/ **Aprendizagens estruturantes**

BIBLIOGRAFIA

1. Ensino/Aprendizagem

1.1. Bibliografia Geral

ASSUNÇÃO, C. e REI, J. (1999). *Educar Para Os Valores*. Lisboa: Ministério da Educação/ Departamento do Ensino Secundário.

ESTRELA, A. e NÓVOA, A. (org.) (1993). *Avaliações em Educação: Novas Perspectivas*. Porto: Porto Editora.

HADJI, C. (1990). *L'évaluation règles du jeu, des intentions aux outils*. Paris: ESF.

Obra de reflexão sobre as funções da avaliação e o problema da construção dos seus referentes, no sentido de ser evitado o «desvio tecnicista» e o «desvio autoritário». Inclui diversos quadros, do autor e de outros, de síntese das posições apresentadas sobre a prática de uma avaliação que se pretende formadora. Termina com glossário esclarecedor.

ONTORIA, A., BALLESTEROS, A. e outros. (1994). *Mapas Conceptuais, Uma técnica para aprender*. Porto: ASA.

ZABALSA, M. (1990). *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*. Porto: ASA.

Integrando o contributo de diversos autores, apresenta os princípios básicos a que deve obedecer o desenvolvimento curricular e perspectiva as funções do professor e da escola como criadores de currículo. Considerando currículo em sentido amplo, integra a problemática da selecção das estratégias e a da operacionalização da avaliação.

1.2. Bibliografia Especifica da História

ALMEIDA, A. M. et al. (1998). *O Património Local e Regional, subsídios para um trabalho transdisciplinar*. Lisboa: Ministério da Educação/ Departamento do Ensino Secundário.

BOURDÉ, G. e MARTIN, H. (1990). *As Escolas Históricas*. Lisboa: Europa-América.

CARRETERO, M. e VOSS, J. F. (1994). *Cognitive and instructional processes in history and social sciences*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.

Conjunto de estudos sobre os processos de aprendizagem em Ciências Sociais e principalmente em História. Apresenta reflexão sobre o problema da compreensão dos conceitos e dos textos históricos apoiada na análise de situações concretas. Cada estudo é acompanhado de bibliografia.

CITRON, S. (1990). *Ensinar a História Hoje: a memória perdida e reencontrada*. Lisboa: Livros Horizonte.

CONNERTON, P. (1993). *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras: Celta Editora.

Chamada de atenção para a importância do estudo de cerimónias comemorativas e de rituais transmitidos através dos tempos, para o conhecimento do passado; necessidade de abordagens transdisciplinares nesse processo.

EGAN, K. (1994). *O Uso da Narrativa como Técnica de Ensino*. Lisboa: Dom Quixote.

FÉLIX, N. e ROLDÃO, M. C. (1997). *Dimensões Formativas de Disciplinas do Ensino Básico: História*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

FERRO, M. (1996). *Les Médias et l'Histoire*. Paris: CFPJ Editions.

FURET, F. (s/d). *A Oficina da História*. Lisboa: Gradiva.

GARCÍA BLANCO, Á. (1994). *Didáctica del Museo: el descubrimiento de los objectos*. Madrid: Ed. de la Torre.

MANIQUE, A. e PROENÇA, M. C. (1994). *Didáctica da História: Património e História Local*. Lisboa: Texto Editora.

MATTOSO, J. (1988). *A Escrita da História, Teoria e Métodos*. Lisboa: Presença.

— (1999). *A Função Social da História no Mundo de Hoje*. Lisboa: APH.

— (2000). «A História Hoje: que História ensinar?», in *Noésis*, 54 (Abril/Junho). Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Inovação Educacional

MENDES, J. M. A. (1987). *A História como Ciência. Fontes, Metodologia e Teorização*. Coimbra: Coimbra Editores.

MONIOT, H. (1993). *Didactique de l'Histoire*. Paris: Nathan.

POMIAN, K. (1999). *Sur l'Histoire*. Paris: Folio.

ROLDÃO, M. C. (1998). *Gostar de História: Um Desafio Pedagógico*. (5ª ed.). Lisboa: Texto Editora.

SOUSA, A. E outros. (1993). *Novos Estratégias Novos Recursos no Ensino da História*. Lisboa: ASA.

TORGAL, L. R. (1989). *História e Ideologia*. Coimbra: Minerva.

VEYNE, P. (1983). *Como se escreve a História*. Lisboa: Edições 70.

2. Conteúdos disciplinares

2.1. Atlas

(1992). *Atlas das Descobertas - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Editorial Enciclopédia.

(1991). *Atlas da História Mundial - Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Editorial Enciclopédia.

DUBY, G. (dir.). (1999). *Atlas historique*. Paris: Larousse.

KINDER, H. e HILGEMAN, W. (dir.). (1968). *Atlas Historique*. Paris: Librairie Stock.

LADURIE, E. (1981). *Le grand atlas de l'histoire universelle*. Paris: Armand-Colin.

SERRYN, B. (1980). *Nouvel Atlas Bordas Historique et Géographique*. Paris: Bordas.

VIDAL-NAQUET, P. (1992). *Atlas Histórico: da Pré História aos nossos dias*. Lisboa: Intercultura.

2.2. Cronologias

- RODRIGUES, A. S.** (coord.). (1996). *História de Portugal em Datas*. Coimbra: Temas e Debates.
— (coord.). (1996). *História Comparada. Portugal, a Europa e o Mundo: uma visão cronológica*. Lisboa: Círculo de Leitores.
Parte da cronologia da História de Portugal (da pré-história ao século XX) e estabelece relação com os movimentos europeus e universais contemplando o económico, o social, o político, o cultural, o científico e o religioso. Cada capítulo é antecedido de uma síntese interpretativa e todo texto é profusamente ilustrado.

2.3. Dicionários e Enciclopédias

- AZEVEDO, C. M.** (2000-2001). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
COELHO, J.P. (1984). *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Porto: Figueirinhas.
LUCIE-SMITH, E. (1990). *Dicionário de Termos de Arte*. Lisboa: Círculo de Leitores.
(1995). *Encyclopédie de l'art*. Milão: Garzanti.
Dicionário de pequeno formato, com milhares de artigos e de reproduções de obras de arte, da Pré-história aos nossos dias. Integra artigos de síntese sobre movimentos artísticos e suas relações com períodos e instituições históricos, notas biográficas e críticas sobre artistas e, no final, cronologia geral e léxico de termos técnicos.
MOURRE, M. (1998). *Dicionário de História Universal*. Porto: ASA.
SERRÃO J. (dir.). (1963-1971). *Dicionário da História de Portugal*. Lisboa: Iniciativas Editoriais. e continuação
BARRETO, A. e **MÓNICA, M. F.**, (dir.). (1999-2000). *Suplemento*. Porto: Figueirinhas.
Obra de referência da historiografia portuguesa, recentemente completada com uma actualização sob o ponto de vista cronológico, abrangendo o período de 1926 a 1974.

2.4. – Obras de Carácter Geral

- ARIÈS, P.** e **DUBY, G.** (dir.). (1989-91). *História da Vida Privada*. 5 vols. Lisboa: Círculo de Leitores.
AZEVEDO, C. M. (2000-2001). *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
BETHENCOURT, F. e **CHAUDHURI, K.** (dir.). (1998). *História da Expansão Portuguesa*. 5 vols. Lisboa: Círculo de Leitores.
Visão dinâmica, no tempo e no espaço, da expansão portuguesa, desde os seus antecedentes medievais até ao termo do processo quase 600 anos depois. Procura compreender os "diferentes processos de expansão no tempo longo, de maneira a se destacarem motivações, estratégias de implantação, modelos de conquista, jogos de interesses, conflitos com outros poderes e formas de interacção com outros povos".
— (1994). *História das Inquisições – Portugal, Espanha e Itália*. Lisboa: Círculo de Leitores.
Estudo comparado das Inquisições portuguesa, espanhola e italiana, desde a fundação da Inquisição espanhola em 1478, até à sua abolição. O espaço abrangido compreende as Penínsulas Itálica e Ibérica e os territórios ultramarinos dos impérios hispânicos sob a jurisdição do tribunal inquisitorial. Procura-se traçar o processo global de estabelecimento, desenvolvimento, dominação, declínio e abolição dos tribunais, salientando os traços comuns e os divergentes.
CHÂTELET, F. (dir.). (1983). *História das Ideias Políticas*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
CIPOLLA, C. (dir.). (1972). *The Fontana Economic History of Europe*. London: Collins-Fontana.
DANGEN, P. et **H., F.** (dir.). (1995 -1998). *Histoire de l'art*, 5 vols. Paris: Flammarion.
DELUMEAU, J. (dir.). (1999). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Presença.
DUBY, G. e **PERROT, M.** (dir.). (1993/1994). *História das Mulheres no Ocidente*. 5 vols. Porto: Edições Afrontamento.
GROUT, D. e **PALISCA, C.** (1997). *História da Música Ocidental*. Lisboa: Gradiva.
JANSON, H. W. (1989). *Historia da Arte*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian.
Obra de síntese, da Pré-História aos nossos dias. Análises estéticas das obras mais representativas da arte ocidental.
LÉON, P. (dir.). (1981-1984). *História Económica e Social do Mundo*. 6 vols, 12 tomos. Lisboa: João Sá da Costa.
MACEDO, J. (1977). *História Diplomática Portuguesa, Constantes e Linhas de Força, Estudos de Geopolítica*. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional.
História interpretativa das relações internacionais de Portugal encaradas numa perspectiva geopolítica. Identificação das constantes e linhas de força da diplomacia nacional a partir do estudo das conjunturas políticas decisivas para o país, entre o século XII e o Congresso de Viena.
MATA, E. e **VALÉRIO, N.** (1994). *História Económica de Portugal, uma perspectiva global*. Lisboa: Presença.
Breve história de Portugal com incidência particular em aspectos da área económica e da época contemporânea. Recua à pré-história para um breve sumário da evolução económica do futuro território continental português e avança até ao último decénio do século XX. Apresenta um apêndice estatístico com dados demográficos e económicos.
MATTOSO, J. (dir.). (1992/1994). *História de Portugal*. 9 vols. Lisboa: Círculo de Leitores.
MEDINA, J. (dir.). (1996). *História de Portugal*. Amadora: Clube Internacional do Livro.
NÉRY, R. V. e **CASTRO, P. F.** (1991). *História da Música*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
Volume da Coleção Sínteses da Cultura Portuguesa publicado por ocasião da Exposição da Europália.
NUNES, A. B. e **VALÉRIO, N.** (1997). *História Económica Mundial Contemporânea*. Lisboa: Editorial Presença.
Manual universitário que, entre outras finalidades, pretende constituir-se como base de estudo para quem tem formação noutras áreas científicas e necessita tomar contacto com a economia mundial contemporânea. Organiza-se num quadro geográfico de âmbito universal caracterizando as diversas sociedades contemporâneas nos seus diferentes níveis de desenvolvimento. O período cronológico que abarca estende-se de meados do século XVIII a finais do século XX.

- OLIVEIRA, C.** (dir.). (1996). *História dos Municípios e do Poder Local (dos princípios da Idade Média à União Europeia)*. 2 vols. Lisboa: Temas e Debates.
- PEREIRA, P.** (1995) (dir.). *História da Arte Portuguesa*. 3 vols. Lisboa: Círculo de Leitores.
Efectua uma síntese dos mais recentes estudos e inclui linhas de problematização relativamente às «condicionantes» e aos «impulsos» que «se foram gerando na construção dos diversos movimento de produção e criação artística» em Portugal. O âmbito cronológico estende-se desde a pré-história até ao fim do século XX.
- REIS, A.** (dir. ed. port.) (1995). *História do Século XX*. 7 vols. Lisboa: Alfa.
Obra de divulgação cobrindo todo o século XX. Cada volume, profusamente ilustrado, inclui secções autónomas com dados de arquivo e pequenos dossiers sobre temas específicos, relevantes nos diversos sub-períodos. Todos os volumes finalizam com um dicionário biográfico e, na versão portuguesa, com um capítulo sobre a história de Portugal, referentes aos anos em estudo.
— (dir.) (1990). *Portugal Contemporâneo*. 6 vols. Lisboa: Ed. Alfa.
- RODRIGUES, M. F. e MENDES, J. M. A.** (1999). *História da Indústria Portuguesa - Da Idade Média aos Nossos Dias*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
Estudo destinado a um público diversificado e produto da colaboração entre a academia e o mundo empresarial. Fixa e caracteriza com clareza as fases do processo de desenvolvimento das actividades artesanais e industriais em Portugal, desde o período medieval até final do século XX. Inclui bibliografia extensa e seleccionada.
- SARAIVA, J.H.** (dir.) (1983). *História de Portugal*. 6 vols. Lisboa: Publicações Alfa.
- SCHULZE, H.** (1999). *Estado e Nação na História da Europa*. Lisboa: Ed. Presença.
- SERRÃO, J. V.** (1980). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.
- SERRÃO J. e MARQUES, A. H.** Oliveira (dir.). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Presença (em publicação).
—, *Nova História da Expansão Portuguesa*, Lisboa: Presença, (em publicação).
- SPROCCATI, S.** (dir.). (1999). *Guia de História da Arte*. Lisboa: Presença.
Pequeno volume abrangendo os principais movimentos artísticos da Europa ocidental e os seus «protagonistas», do século XIV aos nossos dias; inclui reproduções de obras significativas, com notas de análise. Cada capítulo termina com tabela cronológica que contextualiza os movimentos e as obras. No final inclui referências aos principais museus.
- VILLAR, P.** (1980). *Ouro e Moeda na História*. Lisboa: Europa/América.

2.5. Bibliografia específica dos módulos

Módulo 1

- BOXER, C.** (1977). *O Império Colonial Português*. Lisboa: Edições 70.
- BRAUDEL, F. A.** (1985). *Dinâmica do Capitalismo*. Lisboa : Teorema
- (1993). *O Tempo do Mundo*. Lisboa: Teorema.
- CHAUNU, P.** (1985). *A Civilização da Europa Clássica*. 2 vols. Lisboa: Estampa.
- CIPOLLA, C.** (1984). *História Económica da Europa Pré-Industrial*. Lisboa: Edições 70.
- DEYON, P.** (1983). *O Mercantilismo*. Lisboa: Gradiva
- GODINHO, V. M.** (1968). *Ensaio II. Sobre História de Portugal*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Ed.
- (1990). *Mito e Mercadoria. Utopia e Práticas de Navegar: séculos XIII-XVIII*. Lisboa: Difel.
- MACEDO, J. B.** (1982). *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII*. Lisboa: Gradiva.
(1982). *A Situação Económica no Tempo de Pombal*. Lisboa: Gradiva
- MAURÓ, F.** (1995). *A Expansão Europeia*. Lisboa: Estampa.
- PEARSON, M. N.** (1990). *Os Portugueses na Índia*. Lisboa: Teorema/O Jornal.
Tem como objectivo avaliar o impacto da presença dos portugueses na Índia, desde a chegada de Vasco da Gama aos nossos dias, pretendendo dar a perspectiva do indiano e não a do europeu. Destaca, particularmente, a interacção social, económica e religiosa entre portugueses e indianos.
- SIDERI, S.** (1978). *Comércio e Poder*. Lisboa: Cosmos.
- THOMAZ, L. F.** (1994). *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difusão Editorial AS.
- WALLERSTEIN, I.** (1990). *O Sistema Mundial Moderno*. 2 vol. Lisboa: Afrontamento.
O autor identifica os grandes marcos divisórios da história do mundo moderno e os motores deste processo de mudança estrutural. Defende que o sistema mundial moderno tomou a forma de uma economia –mundo capitalista entre 1450-1640 sensivelmente, apenas limitada à Europa, lança as condições iniciais do sistema e, entre 1640-1815 estende-se a todo o mundo, enquanto progressivamente se consolida.

Módulo 2

- BEBIANO, R.** (1987). *D. João V. Poder e Espectáculo*. Aveiro: Estante
- CANAVEIRA, M. F. C.** (1988). *Liberals Moderados e Constitucionalismo Moderado (1814-1852)*. Lisboa: INIC.
- CHAUNU, P.** (1995). *A Civilização da Europa das Luzes*. 2 vols. Lisboa: Estampa.
- COSTA, F. M. e. a.** (org.) (1989). *Do Antigo Regime ao Liberalismo, 1750/1850*. Lisboa : Vega. Actas de Colóquio.
- ELIAS, N. A.** (1986). *A Sociedade de Corte*. Lisboa: Estampa.
- FRANÇA, J.-A.** (1977). *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- GODINHO, V. M.** (1971). *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Arcádia.
- HOBBSAWM, E. J.** (1982). *A Era das Revoluções*. Lisboa: Presença.

- MARQUES, V. S.** (1991). *Direitos do Homem e Revolução*. Lisboa: Colibri.
Pequenos textos pondo em destaque a ideia da «íntima aliança entre a exigência de liberdade, presente na formulação dos direitos do homem, e a reivindicação de justiça, contida nos movimentos revolucionários que deram à luz o contorno político do mundo contemporâneo». Anexa um glossário da revolução francesa e os principais documentos sobre direitos humanos produzidos nos séculos XVII e XVIII
- PEREIRA, J. F.** (1994). *A Arquitectura e Escultura de Mafra. Retórica da Perfeição*. Lisboa: Presença.
- PEREIRA, M. H.** et alia (coord.). (1982). *O Liberalismo na Península Ibérica na Primeira Metade do Século XIX*. Lisboa: Livraria Sá da Costa. Actas de Colóquio.
- RUDÉ, G.** (1988). *A Europa Revolucionária*. Lisboa: Presença.
- VILLARI, R.** (1995). *O Homem Barroco*. Lisboa: Presença
Conjunto de ensaios que procuram retratar o período seiscentista através do esboço de uma série de tipos humanos que, nas suas actividades e vivências, reflectem a sociedade e contribuem para a sua transformação: o estadista, o soldado, o pregador, o missionário, a religiosa, a bruxa, o cientista, o artista, o burguês.
- VOVELLE, M.** (1987). *A Mentalidade Revolucionária. Sociedade e Mentalidades na Revolução Francesa*. Lisboa: Salamanca.
- (dir.). (1997). *O Homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença.
Conjunto de ensaios que procuram retratar a época através de tipos humanos: o nobre, o soldado, o homem de negócios, o homem de letras, o homem de ciência, o artista, o explorador, o funcionário, o sacerdote, a mulher.

Módulo 3

- ALMEIDA, P.T.** (1991). *Eleições e Caciquismo. No Portugal Vintista (1868-1890)*. Lisboa: Difel.
Estudo dos mecanismos e processos eleitorais do constitucionalismo monárquico português orientado numa perspectiva comparativa com outros sistemas políticos europeus oitocentistas.
- FRANÇA, J.-A.** (1974). *O Romantismo em Portugal*. 6 vols. Lisboa: Livros Horizonte.
- HEFFER, J.** e **SERMAN, W.** (1988). *O Século XIX, 1815-1914*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- HOBSBAWM, E. J.** (1988). *A Era do Capital*. Lisboa: Presença.
- (1988). *A Era do Império*. Lisboa: Presença.
- KEMP, T.** (1987). *A Revolução Industrial na Europa do Século XIX*. Lisboa: Edições 70.
- MARQUES, A. H. O.** (coord.). *Portugal da Monarquia para a República*. Lisboa: Presença.
- MAYER, A. J.** (1990). *A Força da Tradição. A Persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. S. Paulo: Ed. Schwarcz.
Revisão polémica da historiografia sobre a sociedade europeia pós revolução industrial e pós revoluções liberais.
- PEDREIRA, J.** et al. (coord.) (1992). História Social das Elites, in *Análise Social*. Nº 112/113. Lisboa: ICS. Actas de Colóquio.
- PEREIRA, M. H.** (1994). *Das Revoluções liberais ao Estado Novo*. Lisboa: Presença.
Conjunto de estudos, genericamente centrados no século XIX português, abrangendo aspectos muito diversificados, que vão da história económica e financeira à história política e social, a problemática historiográfica ou à articulação entre política arquivística e pesquisa histórica.
- REIS, J.** e **LAINS, P.** (coord.) (1991). Portugal Económico do Vintismo ao Século XX, in *Análise Social*, 112/113. Lisboa: ICS.
- REIS, J.** et al. (coord.) (1980). *O Século XIX em Portugal*. Lisboa: Presença.
- VARGUES, I. N.** (1997). *A aprendizagem da cidadania em Portugal (1820-23)*. Coimbra: Minerva.
A cultura política vintista entendida como um aprendizagem e como uma lição da consciência da cidadania, do exercício dos direitos cívicos e políticos, das novas práticas constitucionais e parlamentares.

OUTROS RECURSOS

1. Endereços da Internet de carácter geral

1.1. Enciclopédias

Artyclopedia – Enciclopédia virtual da arte, consulta pelo nome dos artistas, nacionalidade ou movimento artístico – <http://www.artyclopedia.com>

Enciclopédia Encarta: <http://www.encarta.msn.com>.

Infoplease – 57 mil artigos da última edição da Columbia Encyclopedia e dicionário com 125 mil entradas: <http://www.infoplease.com>

Gallica 2000 - (Biblioteca Nacional Francesa): <http://gallica.bnf.fr>.

The Spartacus Internet Encyclopedia –Organizada pelos seguintes temas: Os EUA 1840-1960, Mundo Medieval, História Britânica 1700-1900, I Guerra Mundial, Guerra Civil Americana, Escravatura 1750-1870, Comboios 1780-1900, Indústria Têxtil, Trabalho Infantil 1750-1900, Movimentos de Trabalhadores, Religião e Sociedade; fornece biografias, cronologias, imagens da época e uma lista de *sites* sobre História e Educação – www.spartacus.schoolnet.co.uk/USAimmigration.htm

1.2. Museus e Instituições Culturais

Art History – *Site* dedicado à Arte, europeia e de outros continentes, desde a Pré-história até à actualidade, apresenta temas e autores inseridos nas correntes artísticas e formas de expressão, cronologia, biografias e endereços de museus e galerias organizados por países – <http://witcombe.sbc.edu/ARTHLinks.html>

British Museum, Londres: <http://www.thebritish-museum.ac.uk/>

European Schoolnet - Projecto financiado pela Comissão Europeia, organizado em vários departamentos (Arte, Cultura, História...) que sugerem actividades sobre temas relevantes da História Europeia e fornecem materiais específicos para auxiliar a pesquisa dos alunos e a preparação das aulas dos professores: www.en.eu.org/menu/vs-vs-set.html

Internet Modern History Sourcebook – Projecto do Departamento de História da Fordham University de Nova York que visa permitir fácil acesso a fontes primárias e outros materiais pedagógicos sobre a História das Europa e do Mundo, organizando-os em três grandes áreas: Antiguidade, Idade Média, Mundo Contemporâneo: www.fordham.edu/halall/m,od/modsbook.html

Metropolitan Museum of Art, Nova York: <http://www.metmuseum.org>

Musée de l'Homme, Paris: <http://www.mnhn.fr/mnhn/mdn/>

Musée d'Orsay, Paris: <http://museeorsay.fr>

Musée du Louvre, Paris: <http://www.culture.fr/louvre>

Musei Vaticani, Roma: Galerias e Capela Sistina: <http://www.christusrex.org/www1/vaticano/0-Musei.htm1>

Museo del Prado, Madrid: <http://museoprado.mcu.es>

Museu da Cidade, Lisboa: <http://portugal.hpv.pt/lisboa/mcd>

Museu da Marinha, Lisboa: <http://www.museumarinha.pt>

Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa: <http://www.eunet.pt/IPM/AANTIGA/aantiga.htm>

Museu Nacional Machado de Castro: <http://www.uc.pt/MachCastro/top.htm>

Museu Nacional do Azulejo: <http://www.eunet.pt/IPM/AZULEJO/azulejo.htm>

Museu Nacional dos Coches: <http://www.eunet.pt/IPM/COCHES/coches.htm>

Museu Virtual da Imprensa - da responsabilidade do Museu Nacional da Imprensa/Jornais e Artes Gráficas, mostra alguns exemplares do património recolhido, sugere itinerários de visitas e divulga a história do sector: <http://www.imultimedia.pt/museuvirtpress>

Museum of Modern Art, Nova York: <http://www.moma.org>

National Gallery, Londres: <http://www.nationalgallery.org.uk>

4000 years of women in science – informação sobre o contributo das mulheres para o avanço da ciência desde a antiguidade até ao século XX: <http://www.astr.ua.edu/4000ws/4000ws.htm>

Rijksmuseum, Amesterdão – a arte dos Países-Baixos de 1260 a 1900: www.rijksmuseum.nl

RIMUS – Rede Interactiva de Museus (Museu Nacional da Imprensa, Porto): www.imultimédia.pt

Science Museum, London: <http://www.sciencemuseum.org.UK>

Seis Séculos de Pintura Portuguesa: <http://www.uc.pt/6spp>

Tate Modern Gallery, Londres – obras de arte do século XX organizadas por temas: <http://www.tate.org.uk/modern/default.htm>

Victorian Web (The) – divulga materiais pedagógicos preparados na Brown University referentes a todo o século XIX e organizados em grandes temas: História política, História social, Filosofia, Religião, Ciência, Tecnologia e Artes Visuais: <http://landow.stg.brown.edu/victorian/victorian/victor.html>

2. CD-ROM de carácter geral

All About Science, Queue Inc., 1991. CD-ROM. PC/MAC.

Art Gallery - The Collection of the National Gallery, London, Microsoft, 1993. CD-ROM. PC.

Art History Illustrated, Queue Inc., 1995. CD-ROM. PC/MAC.

A passion for art/Une passion pour l'art, Corbis, 1996. CD-ROM. PC.

De Bocage a Antero, Percursos do Romantismo Português, Porto Editora.

Dicionário de Arte Universal Moderna e Contemporânea, Texto Editora, 1998. CD-ROM. PC.

Enciclopédia Encarta 98, Microsoft, 1998. CD-ROM. PC

Enciclopédia Universal, Texto Editora, CD-ROM. PC.

Enciclopédia Universal Multimédia, Texto Editora, 1997. CD-ROM. PC

Exploration and Colonization, Queue Inc, 1993. CD-ROM. PC/MAC.

História do Mundo, Kindersley/Globo, 1997. CD-ROM. PC.

The Story of Civilization, World Library, Inc, 1996. CD-ROM. PC.

Larousse Multimédia Encyclopédique, Larousse, 1998, CD-ROM. PC/MAC.

Le Grand Louvre, EMME Interactive, 1996. 2 CD-ROM. PC/MAC.

Le Louvre - Le palais et ses peintures, Montparnasse Multimedia/Réunion des Musées Nationaux, 1994. CD-ROM. PC/MAC.

Lisboa, Philips Interactive Media, 1993. CD-I

Masterpieces of Painting, EMME, 1996. 2 CD-ROM. PC.

Musée d'Orsay, 1848-1914: promenade Interative au coeur de L'art du XIXe siècle, Paris, Réunion des Musées Nationaux/Montparnasse Multimedia, 1997.

The Vatican: The Painting Gallery, EMME Interactive/Musei Vaticani, 1996. CD-ROM. PC/MA

3. Endereços da Internet, CD-ROM e Videocassetes específicos dos módulos

Módulo 1

Amesterdão no século XVII -

http://www.xs4all.nl/~dreojis/nescafe/fun/adam_hist.html#5

Contactos Estabelecidos entre Espanhóis e Índios (Os): <http://www.northlink.com/~hauxe/dkshore.htm>

Companhia de Jesus (A): http://companhijesus.pt/intro/hist_port.htm

Descobrimientos e a Expansão Portuguesa (OS): <http://www.cncdp.pt/cncdp/crista/index.html>

Escravidão no Brasil e o Tráfico Negreiro (A): <http://www.sectec.rj.gov.br/redeescola/especialistas/historia/tema05/hist-tm05.html>

História da Cidade de Lisboa : <http://www.cncdp.pt/bicos/index.html>

História da Companhia das Índias Orientais Holandesa – <http://www.vct.ac.az/depts/age/resunact/voc.htm>

História da Companhia das Índias Orientais Inglesa – <http://www.theeastindiacompany.com/history2.html>

Mosteiro dos Jerónimos – Torre de Belém – <http://www.cidadevirtual.pt/mosteiro-jeironimos>

Peintres Flamands et Hollandais, ODA Éditions, France, CD-ROM.

Portugueses no Oriente (Os): <http://www.cncdp.pt/gama/index.html>

Módulo 2

Absolutismo – em Inglaterra, Espanha e França, fontes primárias e imagens:

<http://www.fordhan.edu/halsall/mod/modsbook05.htm/#Absolutism>

American Independence – <http://www.fordhan.edu/halsall/mod/modsbook12.html>

The **African-American Mosaic** – exposição sobre a história e a cultura africanas na América. Abrange áreas de colonização, abolição da escravatura, migrações, entrevistas a ex-escravos, ilustra o guia das publicações e colecções da Biblioteca do Congresso dos EU: <http://lcweb.loc.gov/exhibits/african/>

Chateau de Versailles – fundamental para o conhecimento da corte régia e da imagem do poder absoluto -

<http://www.chateauversailles.fr/>

The **European Enlightenment** – a arte, a literatura e os filósofos iluministas do século XVIII europeu:

<http://www.wsu.edu/%7Eede/ENLIGHT/ENLIGHT.HTM>

French Revolution - <http://www.fordhan.edu/halsall/mod/modsbook13.html>

Slavery – recursos variados sobre a escravatura e a sua abolição: fontes primárias (documentos escritos e imagens), artigos de imprensa especializada, livros, remete para relatos de memórias e histórias de vida de escravos:

<http://www.geocities.com/Athens/Forum/9061/afro/slave.html>

Fundação Voltaire – <http://www.france.diplomatie.fr/>

0 Triunfo do Barroco, Philips Interactive Media/Instituto Português de Museus, 1995. CD-I.

Versailles 1685 (Jogo educativo), Cryo, 1997. CD-ROM. PC/MAC.

Módulo 3

Industrial Revolution – <http://www.fordhan.edu/halsall/mod/modsbook14.html#the%20Industrial%20Revolution>

The **Victorian Web**– divulga materiais pedagógicos preparados na Brown University referentes a todo o século XIX e organizados em grandes temas: História política, História social, Filosofia, Religião, Ciência, Tecnologia e Artes Visuais:

<http://landow.stg.brown.edu/victorian/victorian/victor.html>

Vídeos

África e os Africanos, Iconografia do Encontro, A. L. Ferronha (coord.), CNCDP, 1996

Arte na Época dos Descobrimentos (A), CNCDP, 1995.

Comércio Português de Escravos (O), realização de A. L. Ferronha, CNCDP, 1994.

Embaixada de D. Manuel ao Papa Leão X, CNCDP, Universidade Aberta, 1994.

Portugal ao Encontro da sua História, Lisboa, RTP, 1988.

Viagem (A), Pavilhão de Portugal Expo 98, D&D Audiovisuais SA, 1998.

Viagem das Plantas (A), realização de Filomena Tapada e Mariana Bettencourt, Lisboa, Ministério da Educação - CNCDP, 1994.

Organismos Internacionais

ONU PORTUGAL: www.onuportugal.pt

UNESCO Portugal: www.cidadevirtual.pt/unesco.portugal

Organismos nacionais

CNCDP- Comissão para as Comemorações Dos Descobrimentos Portugueses. <http://www.cncdp.pt/>

DGEMN – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais: www.monumentos.pt

IPM – Instituto Português de Museus: www.ipmuseus.pt

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico: www.ippar.pt

IPA – Instituto Português de Arqueologia: www.ipa.min-cultura.pt

IPCC - Instituto Português de Cartografia e Cadastro: www.ipcc.pt